

Rolês: performances de gêneros entre jovens em Chapecó – SC

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda performances de gêneros e os sentidos e significados dos *rolês* para/entre jovens da periferia no município de Chapecó. *Rolê* é uma categoria nativa, que, nesta pesquisa, procurei compreender e, além disso, fundamentando-me nos conceitos de Judith Butler (2003), intentei (re)conhecer linguagens expressas corporalmente e suas (pres)suposições visuais nos *rolês*, que estão atreladas as relações de poder e a como se identificam e como são identificados os sujeitos no seu cotidiano. Neste sentido, a temática escolhida se deu pelo fato de haver poucas opções gratuitas de lazer para jovens na cidade e pelas discussões em voga do que é ser “homem” e do que é ser “mulher”. Essa pesquisa esta em andamento e pretende-se a realização de um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

METODOLOGIA

As informações contidas neste trabalho foram construídas por meio do método etnográfico, com observações, principalmente, em *rolês*, com a escrita de diário de campo, entrevistas semiestruturadas e fotografias. As observações e as fotografias foram realizadas em festas eletrofunk organizadas por um DJ da cidade em conjunto com uma equipe de som que o mesmo foi protagonista na criação. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em uma escola estadual de Chapecó e foi nesse espaço que fui inserida em campo nessas festas eletrofunk. Além da pesquisa desenvolvida até o momento serão realizadas entrevistas estruturadas para aprofundamento e análise contextual de performances juvenis de gênero.

RESULTADOS

Como resultados, primeiramente, faz-se necessário abordar a significação de *rolê* expressada nas entrevistas e nas observações. Um exemplo conceitual foi descrito quando perguntei em uma entrevista (dia 09 de junho de 2017): “[...] o que que tu pensa que é o *rolê*, tipo como é.”. A resposta de Alane foi: “Tipo o *rolê* é você sai de casa, bebe alguma coisa na rua, da uma volta de carro, conversa tipo com amigos, faze novas amizades”. Ou seja, pode-se dizer que são práticas de socialização. Desta forma, a categorização atribuída a *rolê*, também, imbrica práticas das/os jovens nas festas observadas.

As observações nos *rolês* eletrofunk possibilitaram (re)conhecer o gênero nos trajes, nas músicas, nas danças, na propriedade do carro e na ação policial nessas festas. Os padrões de vestimentas evidenciados entre meninos e entre meninas são: (diário de campo, dia 03 de junho de 2017) “as meninas com cabelos compridos para baixo do ombro, vestindo calção short jeans ou calça jeans colada ao corpo, blusinha justa aparecendo parte da barriga, ou moletom largo, e sapato/bota, por vezes, de salto alto ou tênis. Os meninos tinham cabelos bem curtos, poucos tinham barba e os que tinham apararam-na bem rente a face, a combinação de roupas era tênis, calção surfista ou calça jeans e camiseta e/ou casaco/moletom, por vezes, bonés de aba reta”. A partir das observações, (diário de campo, dia 09 de setembro de 2017) “foi possível perceber que ao corpo é dada alta importância, tanto pelos meninos quanto pelas meninas, pelo fato de procurar mostrar/exibir/performar a compleição física”.

Neste sentido, (diário de campo dia 09 de setembro) “foi possível (re)conhecer expressões culturais esboçadas através das músicas que são mais ouvidas (Funk, eletrofunk e sertanejo universitário remixado), das danças e do uso expressivo do automóvel. As letras das músicas tratam, principalmente, da sexualização do corpo feminino, a exemplo: “As novinha tão tarada, Olha que loucura, Só pra me seduzir, Desce tremendo com a bunda, Sobe tremendo com a bunda” (MC R1)”. Assim como expressam as letras das músicas, a dança também é evidenciada nas práticas das/os jovens que fazem esses *rolês*, (diário de campo, dia 03 de junho) “frequentemente as meninas dançam e os meninos observam seus movimentos”.



Além disso, cabe abordar a performance com o carro. A exemplo, quando perguntei em uma entrevista em grupo (com sete pessoas (uma menina e seis meninos), dia 26 de abril de 2017): “Como que é os carro da galera que vocês andam?”, a resposta de Claudio foi: “Rebaxado, com [som] grave até o talo”. [Lais pergunta] “E por que vocês acham que a galera modifica o carro e gosta de te carro?”. [Resposta de Anderson] “Diferença. Diferencia dos carro normal sabe. Faze uma coisa diferente, um modelo teu, entendeu? Só o teu vai tá assim.”. Por fim, quando perguntei: “E nas paquera assim, te um carro influência?”, a resposta de Anderson foi: “facilita”. Portanto, o carro faz parte da performance da(s) pessoa(s); e pode-se dizer que o automóvel é uma extensão do corpo.



Neste sentido, evidenciou-se a repressão policial durante as observações e entrevistas. A PM (Polícia Militar) foi muito citada pelos atos repressivos que os sujeitos participantes da pesquisa disseram sofrer ou acompanhar sujeitos que sofreram com práticas das pessoas que integram essa instituição. Por exemplo, na primeira festa que observei (dia 03 de junho de 2017), “logo que cheguei, o proprietário da casa (com alvará) foi ao palco e fez uma fala solicitando que as pessoas presentes fossem comportadas, pois a PM não gosta desse estilo de musica e onde a PM vê um carro com som quer apreender os equipamentos”. Seguindo disso, na observação dia 09 de setembro de 2017, (diário de campo) “em outro local, desta vez sem o alvará, PMs chegaram e acabaram com a festa, foram recolhidos automóveis e motos, além de equipamentos de som e carteiras nacionais de habilitação (CNHs)”. Nesta noite (09 de setembro), “as/os PMs solicitaram que todas/os responsáveis pelos veículos estacionados no local da festa deveriam entregar suas CNHs e dizer se faria o teste do etilômetro, o que chama atenção para pensar as relações de gênero é que a maioria das pessoas que entregaram carteiras para averiguação eram homens”. Com isso, evidenciou-se que, com frequência, os meninos possuem carros e as meninas vão de carona.



CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

Essa (prévia) pesquisa possibilita conhecer práticas performativas de gênero das/os jovens contemporâneas/os em Chapecó(SC) e, com isso, propicia reflexões críticas à cerda das suas vivências nas condições variáveis (gênero, etnia, classe) a que estão dispostas/os. Conclui-se, por hora, por um lado, que essas práticas convergem para a reprodução das ordens de gênero, mas, por outro lado, fogem a algumas normas, como a modificação do carro, por isso há repressão policial. Portanto, essa pesquisa é de impacto para pensar políticas públicas que atentem as necessidades de espaços de lazer para jovens, também, para conhecer práticas juvenis e para refletir a cerca das práticas repressivas da Polícia Militar (PM) na cidade.

REFERÊNCIA

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Lais Griebeler Hendges
Orientador: Ivan Paolo de Paris Fontanari
SIC – 2017